

Oitocentos

Arte Brasileira do Império à República

Tomo 2

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

Realização da Publicação

UFRRJ
CEFET-Nova Friburgo

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi

Projeto Gráfico

Camila Dazzi
dzaine.net

Editoração

dzaine.net

Editoras

EDUR-UFRRJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.


ISBN 978-85-85720-95-7

1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7






O que os olhos vêem, o coração sente: orientações para a decoração dos lares nas revistas ilustradas oitocentistas

Marize Malta*



s casas na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, principalmente da segunda metade em diante, representaram um modo diferente de pensar seus espaços interiores. Modos de ver esses interiores como lugares decorativos articulavam uma idéia de decoração não existente anteriormente. A ambientação doméstica, de um modo geral, passou a ser identificada como decoração. Tal situação promoveu olhares interessados e especializados para imagens interiores¹. Uma das vias de acesso à construção desse olhar encontrou campo fértil nas revistas ilustradas².

Em revistas como *A Mensageira*, *A Estação*, *Brazil Elegante* e *Revista da Semana*, entre outras, podemos observar as orientações para o lar e o quanto suas imagens e textos atuavam como expectativas visuais porta adentro, auxiliando a modelar identidades e demarcando a predisposição para um novo olhar.

Ao mesmo tempo em que ao leitor era oferecido algo aceitável e desejável, procurava-se incutir-lhe novos padrões de gosto, novos valores culturais que lhe propiciassem conquistar uma nova imagem, capaz de afirmar a eficácia dos discursos vendidos naquelas folhas de fácil consumo. Para os fiéis leitores havia um comprometimento dos editores e colaboradores de deixá-los atualizados com o que de mais moderno e elegante circulava nos grandes centros urbanos e nas rodas da elite social cosmopolita. Mais do que uma distração, as revistas eram atualizadoras contínuas de fatos e idéias, suportes de referências que balizavam escolhas e comportamentos.

* Profª. Dra. Escola de Belas Artes-UFRJ

¹ A respeito da construção de um olhar decorativo referente aos ambientes interiores das residências oitocentistas, vide MALTA, Marize. **O olhar decorativo**: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Niterói, 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

² Sobre o fenômeno revistas ilustradas, vide trabalhos mais recentes como: TELLES, Ângela Maria Cunha da Motta. **Desenhando a nação**: Revistas ilustradas do Rio de Janeiro e de Buenos Aires nas décadas de 1860-1870. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007; COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2007.

Estamos tratando as revistas como modos de representação e focalizando seu estudo nas formas inovadoras e diversas de interação entre texto e imagem, tomando-as tanto como sintomas quanto modeladoras de identidades e de atitudes acerca dos interiores domésticos.

Nos interessa entender como os interiores domésticos e os assuntos referentes à decoração foram representados e como as identidades de gênero foram construídas em relação aos textos e às imagens de interiores. As revistas são objetos complexos e estão em consonância com os princípios da modernidade baudeleriana: efêmeras, fugazes e contingentes. Elas mesmas são fenômenos modernizadores de olhares frente ao mundo, inclusive o doméstico e a decoração do lar.

Para que possamos entender um pouco melhor sobre as orientações de decoração nas revistas, precisamos recuperar certas premissas que as nortearam – os manuais para o lar. No Brasil, o período de fins do século XIX e início do XX foi particularmente rico na edição de manuais para o lar ou de economia doméstica. O projeto republicano *educação pelo lar*, resumido na fórmula *mãe + lar = educação dos futuros cidadãos brasileiros*, incentivava os investimentos nesse nicho editorial, pois que era preciso preparar as futuras *rainhas*³ para ocuparem seu reino, cientes de suas obrigações para com o promissor futuro da nação. Era preciso saber bem governar o lar.

No geral, esses livros tratavam de aconselhar as donas de casa a organizarem seus lares e a convencerem-nas da responsabilidade do papel de mãe e esposa na formação do caráter e da saúde da nação, pois “Onde o lar vacila, tudo vacila. Onde a família é desunida e fraca, o Estado não tem descanso...” (Ramalho Ortigão, citado por Gonzaga Duque)⁴. Muitos produziam uma compilação de livros estrangeiros e alguns poucos nacionais, tirando deles o que se julgava aplicável e proveitoso para o caso brasileiro. Todavia, parecia que a experiência vivida – “Croyez en mon expérience” (Madame Pariset)⁵ – e o empirismo eram os principais norteadores dos guias domésticos escritos por mulheres no Brasil. Homens e mulheres disputavam a autoria das orientações para o boa decoração, apesar do consenso sobre o benefício que a decoração exerceria no dono da casa. A respeito de um manual para o lar escrito por uma mulher, dizia-se:

*É um livro esse que as donas de casa devem estimar muito e os homens, principalmente, os homens devem adorar-o. A mulher que seguir a risca todos os salutareos conselhos de Vera Cleser, fará de seu lar uma espécie de paraizo, para o descanso e completa ventura do esposo.*⁶

³ É como rainha que Virginia Treves trata sua leitora, enobrecendo o seu papel e justificando o sugestivo título do livro *O reino da mulher*. TREVES, Virginia. **O reino da mulher**. Lisboa: Avelino Fernandes & Cia Editores, 1882. p.82. [Tradução portuguesa. Original italiano].

⁴ Ramalho Ortigão apud SYLVINIO JUNIOR. **A dona de casa**. Rio de Janeiro: Domingos Magalhães, 1894, p. 132.

⁵ PARISSET, Madame. **Nouveau manuel complet de la maitresse de maison ou lettrées sur l'économie domestique**. Paris: Encyclopedie de Roret, 1852, p.7.

⁶ SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**, São Paulo, ano II, n.26, 15 mar. 1899.

Discurso semelhante seguiam algumas revistas, mesmo a feminista *A Mensageira*, em artigo “A influencia do lar”, de autoria de Maria Emilia, que admitia: “Na luta pela vida, neste attricto de dificuldades, de decepções e de tormento, o lar domestico, o lar tranquillo, o lar medianamente feliz é o oásis onde o homem se abriga contra a indiferença, contra o vicio e contra o tédio”.

Os manuais e as orientações de decoração para o lar se direcionavam para a dona de casa e giravam, de um modo geral, em torno das questões de gosto e da decoração, da organização das tarefas domésticas e sociais em casa, como também procuravam fornecer conhecimento especializado de profissões artísticas, normalmente empreendidas por homens. O foco no público feminino auxiliou a se construir a idéia de que as mulheres tinham papel ativo na produção de interiores domésticos. Mas elas precisavam ser educadas a olhar de forma decorativa para o seu lar.

A decoração adequada, ordenada e asseada não só embelezava o lar. Era garantia de bem-estar familiar. Fixava-se quase uma obrigação feminina saber tornar os ambientes domésticos agradáveis onde seus maridos encontrassem um lugar ideal para o descanso e lá descobrissem a felicidade. Agradar aos maridos seria um dever. Assim, por mais que a atividade de cuidar do lar fosse feminina, as casas estariam conformadas mais ao gosto do dono da casa, pois do contrário o homem, do seu ponto de vista, não teria condições de se sentir confortável nem feliz dentro de casa. Comumente, em jornais e revistas, advertia-se sobre a importância de tornar a casa um lugar aprazível para o marido, senão uma cena infeliz poderia acontecer: “[...] marido, aborrecido, foi procurar distrações nos clubes, ou em casa dos vizinhos”.⁷ Esse aborrecimento se daria porque seu lar era feio, desarrumado e maltratado.

É freqüente encontrarmos a insistência desse modelo de conduta em outras instâncias. Julia Lopes de Almeida, no romance *A Intrusa*, narra o quanto o cuidado com o lar, a adição de detalhes agradáveis – verdadeiros mimos visuais – contribuía para a permanência do homem em casa. A decoração do lar amansava rancores, dissipava amargores, restituía alegria de viver. Como diria Vera Cleser, em tom corroborativo: “Nada mais agradável do que uma casa confortável e alegre”. Podemos imaginar o quanto as regras e os conselhos sobre decoração passaram a ser praticamente assuntos de primeira necessidade para a felicidade no lar. Os editores das revistas apostaram nessa demanda.

No contexto europeu, foi em fins do século XIX que as revistas de decoração alcançaram produção ampliada e, graças aos eficientes meios de transporte, tiveram circulação nacional e

⁷ SANTOS, Maria Clara da Cunha. Cartas do Rio. *A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 10, p. 146, 28 fev. 1898.

internacional. Um dos primeiros periódicos voltados exclusivamente para o lar foi publicado em 1897 na Inglaterra e se intitulava *The House*. Apesar de sua vida curta, faliu em 1903, sua trajetória pode nos fornecer pistas das demandas do público (que no caso não foram satisfeitas), das temáticas e abordagens em torno do lar.

O editor era defensor das idéias reformistas do *design* e buscava incutir no público leitor princípios fixos do que seria o gosto correto, persistindo na crítica negativa ao gosto do público consumidor. O periódico era direcionado especialmente às mulheres e, segundo John Benn, o editor, a revista tinha a disseminação da beleza como propósito e não a economia. É como se a beleza fosse território de conhecimento masculino e a economia doméstica, ou seja, os afazeres diários com o trato da casa, estivesse a cargo da mulher.

Do ponto de vista de Débora Cohen, que pesquisou o periódico inglês, a revista falhou como empreendimento porque seu editor desejava impor um padrão estético com regras prestabelecidas e considerava inerentemente suspeitas as preferências individuais, principalmente as femininas. O lar ganhava ares masculinos.

Todavia, o interesse pelo assunto foi anterior a esse período e esteve relacionado às revistas femininas de moda, traduzido em seções de conselhos domésticos. Tiveram maior sucesso as colunistas que tratavam de decoração nesses periódicos femininos, como Mrs. Conyers Morell, colaboradora no *Lady's Pictorial*, e Mrs. Talbot Coke, atuante no *Queen* e depois no *Hearth and Home*. Verdadeiras conselheiras da arte doméstica, suas indicações eram redigidas em forma de respostas às perguntas das correspondentes e estabeleciam uma intimidade com a leitora. Nesse periódicos, a casa era entendida como território feminino e o lar deveria ser um reflexo da personalidade da dona da casa. O lar, por essa vertente, tomava ares femininos.

Mesmo antes da especialização da imprensa poderíamos dizer que existiram três tipos básicos de revistas relacionadas às questões do decorativo: as revistas femininas, como já apontamos, as revistas de arte e as revistas técnicas.

Na Inglaterra, Henry Cole e Richard Redgrave, em 1849, editaram um jornal concentrado exclusivamente nas artes decorativas com o objetivo de aprimorar os padrões dos artefatos industriais britânicos, a partir da clientela. *The Journal of Design & Manufactures* endereçava-se ao público da classe média para auxiliar na melhoria de seu gosto e no alcance do equilíbrio entre utilidade e ornamento. Para isso o jornal oferecia um mostruário de diversos produtos, além de amostras de estampas de papel de parede e tecido [Figura 1]. Cada amostra era acompanhada de comentários, exibindo seus prós e contras, e do local indicado para seu uso: cidade ou campo, sala ou quarto, para homem ou mulher, etc. Papéis de parede em padrões florais, em degradê, arrumados

em diagonal, eram indicados para mulheres. Os de tonalidades suaves, com boas porções de branco, eram vistos como potencializadores da sensação de amplitude.

Sem usar muitas palavras, o periódico bimestral *Le Garde-meuble, ancien et moderne*, editado em Paris de 1839 a 1935⁸ por Désiré Guilmard, era composto exclusivamente por pranchas de modelos de móveis [Figura 2] e, ocasionalmente, cortinas e ambientações em voga na França. Os desenhos coloridos se mostravam muito minuciosos e acompanhados de pequena descrição sobre forma, estilo, material e localização recomendada do móvel, o que permitia aos artesãos desenvolver facilmente modelos a partir das imagens, e aos decoradores a elaborarem o plano de disposição dos equipamentos e a escala cromática do ambiente.

A revista foi uma das responsáveis pela difusão da decoração e dos móveis de gosto francês pelo mundo. Pretendia-se um guia prático para decoradores, arquitetos, marceneiros, estofadores e designers, sendo considerada uma revista técnica. Para o último terço do século ampliaram-se os modelos com fartos estofados e muitas passamanarias em estilo Luís XIII, Luís XIV e Renascença. Aliados aos estilos, novos tipos de móveis eram apresentados e atestavam novos hábitos: *table de toilette* (mesa toalete) para os quartos; *chaise de fantasia* (cadeira de fantasia), *tête-à-tête* (conversadeira), *borne* (sofá circular) para as salas de receber e conversar, *buffet étagère* (bufê com prateleiras acima do tampo), *étagère de service* e *servants* (móveis que auxiliavam no serviço à russa) para as salas de jantar.

Havia também periódicos não especializados que ofereciam seções sobre decoração. Geralmente as orientações buscavam dissolver certas crenças estabelecidas entre a classe média, que eram: o bom senso visual não precisava de educação e o talento para alcançar uma bela decoração era uma raridade. Procurava-se encorajar os leitores a pensarem em suas próprias decorações, a transformarem suas casas em um mundo melhor e para isso bastava seguir certos princípios da decoração. O principal desafio era alcançar a harmonia, começando por escolher criteriosamente o papel de parede, selecionar e dispor corretamente o móvel, não misturar coisas feias com bonitas. Talvez a maior dificuldade estivesse em conciliar as predileções pessoais com as leis da composição formal, que regiam os princípios da beleza.

Seguindo a tendência internacional, algumas seções de revistas, circulantes no final do século XIX no Rio de Janeiro, começavam a oferecer, ainda sem sistematização, orientações sobre decoração. Em algumas poucas linhas sintetizavam instruções e simplificavam a complexidade da

⁸ Sobre as edições de 1841 a 1851 da referida revista, constantes no acervo da SIL (Smithsonian Institution Libraries), vide artigo de SCHAFFNER, Cyntia Van Allen. Désiré Guilmard: *Le Garde Meuble, ancien et moderne*, 1839-1935.

decoreção ideal, ditada detalhadamente nos manuais. Pareciam querer alfabetizar a ignorância decorativa, fornecendo explicações bem primárias, com um rápido passar d'olhos pelos ambientes de uma casa ideal. Nesse passeio econômico, só cabia falar de coisas essenciais, de *Indicações Úteis*: coisas do decoro, da moda, do falso luxo, do bom gosto, do melhor arranjo, como podemos conferir no semanário *Rua do Ouvidor*, na seção *Indicações úteis*, assinada pela Condessa S. D., de junho de 1898:

*Os moveis de uma casa e a disposição delles, servem de indício do gosto e savoir vivre da senhora. Cada traste tem sua applicação especial, e a collocação d'elle deve merecer attenção esmerada. Há moveis destinados a uns quartos, que destoam n'outros; v.g. um guarda-roupa fica mal na sala de jantar e um aparador no dormitório. Uma peça de luxo deve ser destinada para salão, onde é fácil conservar sempre o necessário arranjo. A sala de jantar não presta a receber a todo momento; ainda menos o dormitório. A mobília pode ser modesta, mas elegante. N'um salão deve haver, pelo menos, um sofá, duas poltronas, quatro ou seis cadeiras. Já não é moda collocar-se a mesa no centro do salão. O piano colloca-se n'um dos cantos da sala, de modo que o tocador não volte as costas aos ouvintes. Não é de bom gosto, sobrecarregar de curiosidades, bastam dous ou três objectos d'arte e alguns livros. Nada de falso luxo; uma mobília simples, mas de gosto. Uma sala de jantar de moveis de madeira vulgar, vale mais do que de pseudo vieux chène sobrecarregado de esculpturas extravagantes. O mesmo diremos do restante do interior da casa. Por toda ella deve patentear-se a maior limpeza, ordem e cuidado. Um aposento desarrumado é sempre desagradável de habitar.*⁹

A decoreção educava e, através da experiência visual diária, pelo contato com o asseio (ordem) e a elegância do lar, poderia garantir a transmissão de “idéias do respeito, do amor, da felicidade, da ordem e do trabalho”.¹⁰ A decoreção de interiores das casas promoveria verdadeiros benefícios sentimentais e sociais.

Regras de bem-receber direcionavam comportamentos que, por sua vez, norteavam a escolha da decoreção para os dias de festa. Com o alargamento dos relacionamentos sociais e a diversificação dos membros da elite, a vida social se intensificou no Rio de Janeiro e demandou espaços para sua ação. A casa entrou no circuito dos tratos sociais e seus cômodos precisaram se preparar para recepções, passando por revisões (visuais e matéricas) para bem-receber e bem-aparentar. Os membros da casa também se incumbiram de reformular suas atitudes quando em

> **Le garde Meuble**, Washington, DC, Smithsonian Institution Libraries, [s.d.]. Disponível em: <http://www.si.edu/digitalcollections/art-design/garde-meuble> Acessado em: dez. 2009.

⁹ Indicações úteis. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, n.1, 14 maio 1898, p.3.

¹⁰ SYLVINIO JUNIOR, op. cit., p.29.

presença de visitas. Agia-se de modo especial quando em dia de festa. As regras já eram oferecidas em pequenas seções de revistas, como o semanário *Rua do Ouvidor*, cuja seção intitulava-se *Normas de polidez*. Podemos perceber a importância da preparação do salão para os dias de festa, o qual deveria estar mais do que nunca enfeitado:

*Quando se recebe é necessário ter o salão confortavelmente instalado. As flores são um luxo encantador, mas devemos escolhel-as de aroma suave e delicado, sob pena de causar dores de cabeça se exhalam cheiro forte.*¹¹

A beleza da imagem, seu apelo decorativo, seu poder de proporcionar prazer pelo olhar eram fatores primordiais no trato dos arranjos da casa, principalmente quando em ocasiões de reuniões sociais, momento em que a decoração porta adentro ganhava ares públicos. Vejamos os conselhos sobre o modo de arrumar a mesa das refeições de uma sala de jantar:

Antes de tudo, o que chama atenção numa mesa é o arranjo. Se sua decoração foi feita com gosto, já a dona da casa ganhou meia batalha: despertou-se o apetite dos convivas e, ainda que o cosinheiro não tenha podido revelar todas as suas qualidades de bom chefe de cozinha, seus pratos serão comidos sem sofrerem críticas severas. [...]

Pelo meio da mesa estende-se o chemin de table tão elegante quanto possível, tão bordado quanto se quizer.

*Qual a sua serventia? Impedir a toalha de nodoar-se? Não; simplesmente ornar a mesa.*¹²

Enfatiza-se o aspecto ornamental do caminho de mesa – ele simplesmente serve para ornar – e a importância da decoração que, bem feita, teria a capacidade de inebriar espíritos, aguçar paladares e, ao mesmo tempo, tornar as pessoas mais condescendentes no julgo da qualidade da comida servida. Representar, aparentar, oferecer boas imagens mostravam-se atitudes cordiais e, simultaneamente, apontavam para o fato de que uma cultura visual se configurava porta adentro, imagens estas construídas de forma imaginativa porque regidas por textos.

Uma das raras aparições de ilustrações sobre decoração de interiores, com clichê estrangeiro, pode ser exemplificada por um artigo em *O Brazil Elegante*, intitulado *A moda (A mobília da casa)* [Figura 3], da edição de janeiro/fevereiro de 1898, escrito por M.S.G. – Marguerite de S. Genes, redatora da revista¹³. Ele dizia assim:

¹¹ Visitas: recepção de dona de casa. In: Normas de Polidez. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, n.16, 27 ago. 1898, p.6.

¹² Condessa de S.D. A mesa e o seu arranjo. In: Indicações úteis. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, 18 jun. 1898, p.4.

¹³ Agradeço a Henrique Sergio Batista pela indicação do artigo.

Não é somente a faceirice e o apuro da toilette, o cuidado nos adornos e enfeites, o que mais preocupa uma mulher fina e elegante. A casa merece-lhe também certa atenção, e ela apraz se em a preparar embellezando-a com toda a sorte de objectos bonitos e artisticos. Tudo deve ter o cunho encantador do seu bom gosto; nas mínimas cousas, insignificancias que nada valem, mas que revelam a sua personalidade, tudo o que respeita á arte de mobiliar deve merecer o maior interesse. A arte decorativa parece despertar neste momento. Tudo exige ser ornado e illustrado, tudo quer anunciar-se pelo prazer dos olhos, pelo que o gosto se generaliza até os mais pequeninos accessorios do que nos cerca, de nossos usos e costumes.

O artigo passava a descrever as imagens e finalizava desse modo:

Eis aqui materia para exercitar a faceirice de uma mulher fina que assim como tem o instinto de descobrir tudo o que pode tornal-a mais seductora, deve tambem ter bastante habilidade para ornamentar de maneira digna de si o home de sua familia.

M.S.G.

As orientações escritas se remetiam à imagem, registrando franco diálogo entre as duas instâncias, fato raro de se ver nessas primeiras revistas com imagens. O texto insistia na importância da decoração do lar para provar o bom gosto e a personalidade da dona de casa, mesmo que apontasse a decoração de *estilo moderno* ou *arte nova* a mais recomendável para a leitora da revista.

Os cômodos, comentados seqüencialmente, eram a sala de estar (com sala de visitas e de jantar unificadas), o quarto de dormir e uma barraca para uma casa à beira-mar. Móveis leves, claros, tecidos de musselina e cretone, de preferência *Liberty*, faziam parte das recomendações para criar uma decoração atualizada. A imagem reforçava o vínculo da decoração local com a matriz européia, matriz tomada em duplo sentido: o clichê - matriz da gravura - e a referência estética, ambos interconectados para estabelecer situação de domínio.

Objetos detalhados, estampas identificáveis, adensamento de variadas miudezas visuais, expressos por meio de desenhos convincentes, faziam dos cômodos desenhados verdadeiros atrativos para os olhos. Para além de salas e quartos desenhados, a ornamentação gráfica floral que entremeava as imagens na página da revista ampliava o apelo decorativo. O bom desenho parecia garantir que o conteúdo representado seria de qualidade, fazendo com que toda a decoração bem apresentada graficamente fosse ajuizada como bela. Assim, a conformação das imagens acabava por estar proporcionalmente relacionada com o juízo sobre a decoração.

Uma situação mais comum se dava pela ocorrência de imagens de decoração de forma indireta, como aquelas que apareciam como pano de fundo dos figurinos de moda. Em revistas como *Brazil Elegante* e *A Estação*, especializadas em divulgar os modelos vestimentares em voga em Paris, as manequins eram desenhadas em ambientes decorados conforme a tipologia e o refinamento

da indumentária [Figura 4]. Fundo e figura se justapunham, auxiliando a construir a correspondência entre moda e decoração, entre ambiente próprio para certa vestimenta, entre atualidade do gosto pela roupa, pelos móveis e pela decoração das paredes.

Os ambientes, mesmo envolvendo a manequim em pequena porção, eram minuciosamente representados, podendo até se reconhecer padrões ornamentais da parede, detalhes dos móveis, espécies de plantas e flores em cachepôs. Os móveis em estilos franceses corroboravam a idéia do refinamento e da feminilidade que a cultura francesa representava para aquele público desejoso por compartilhar de um mundo civilizado.

Decoração e vestimenta demandavam um olhar que captasse todos os detalhes, desenvolvendo um modo meticuloso de olhar. Os variados detalhes, os diversos padrões e as diferenciadas nuances de claro e escuro ou de cores instigavam olhares atentos, capazes de perceber as minudências exibidas.

Acompanhando as sugestões de trajes, os folhetins disputavam espaço com poemas, correspondências e orientações para o lar, crônicas da vida social. Em seções denominadas “Salões” discorria-se sobre a vida da elite residente no Rio de Janeiro por meio da descrição dos eventos sociais que ocorriam em cenários convenientemente arranjados, ou seja, nos salões adornados com gosto. Por exemplo, em 10 de setembro de 1898, Mr. Edwin Hilme recebia convidados em sua casa, na rua da Matriz, para os cumprimentos da cerimônia religiosa da senhorita Mabel com o senhor Gustavo Leuzinger Masset. Nessa ocasião, a decoração descrita trazia ao público o que poucos olhos puderam ver ao vivo e a cores:

A sala, adornada ricamente na ostentação deslumbradora, dos bello quadros, da disposição harmônica dos moveis, das safenas, das cortinas, dos lustres, da opulência e variedade de cores, desde o papel das paredes até a vida luxuriante dos matizes de flôres e folhagens pelo tectos e portaes, a sala principal logo á entrada era um seguro elemento de sucesso, para a festa que então se celebrava.

Beleza, variedade e harmonia eram itens constantemente apontados e correspondiam a qualidades identificadas em móveis, cortinas, quadros e objetos, os quais ganhavam poder de representar e apresentar seus donos, como os salões do negociante Honório Guimarães Moniz que abriu suas portas para festejar o aniversário de casamento (agosto de 1899):

Foi uma festa bellissima em toda estensao da palavra e a ella não faltou um so requisito de elegância, de bom tom, de luxo discreto e fino. O palacete do Sr. Moniz é um verdadeiro primmor, digno de ser visitado minuciosamente. Os salões, as mobílias, os objectos de arte, foram um conjunto admirável, no qual se realçam a belleza

de quadros de valor e mil accessorios primorosos, as riquíssimas cortinas, os vãos custosos, as pinturas dos tectos e das paredes, cada qual mais variada e deslumbrante.

O mesmo tom elogioso imperava na descrição de demais ambientes que mereciam ser comentados na revista. Bailes, festas, saraus, recepções, casamentos e aniversários eram ocasiões em que a decoração dos salões ganhava destaque e funcionava como termômetro do bom gosto da elite e exemplos descritivos do que seria a decoração modelar a ser emulada pelas demais classes sociais. Décadas mais tarde, com o auxílio da fotografia, as imagens de bailes e festas na *Revista da Semana* substituíam as descrições escritas detalhadamente, mas cumpriam função semelhante de orientar por exposição pública os interiores elegantes da boa sociedade carioca.

Diferente do traço refinado da ilustração do artigo de *O Brazil Elegante* ou das descrições de belíssimos salões, os desenhos sobre decoração em revistas ilustradas cariocas ficavam, na sua maioria, aquém de um desenho academicamente satisfatório, quando não se utilizavam de clichês estrangeiros. As ilustrações de sugestões de decoração em revistas nacionais foram mais frequentes a partir da década de 1910, ainda sem uso sistemático. Muitos desenhos pareciam ter sido feitos por pessoas sem grandes habilidades, desconhecedoras de regras da perspectiva, o que, de certo modo, distanciava uma correspondência entre arte e decoração e aproximava a correlação entre prendas domésticas e trabalhos manuais, situação ampliada pelo fato de que diversas sugestões referentes a artigos de decoração se localizavam em seções destinadas a orientar os vários papéis da mulher na manutenção do lar e da família. Em meio a receitas culinárias, dicas de limpeza, de cuidados com bebês, recomendações para o trato dos serviçais, atualizações dos modelos vestimentares, havia uma série de receitas de trabalhos manuais próprios para promover o embelezamento do lar [**Figura 5**]. Almofada com gato ou elefante aplicado, encosto de canapé com borboletas sobrepostas, lustre com flores bordadas são exemplos de alguns trabalhos manuais publicados em revistas cujos desenhos simplórios aos olhos acadêmicos reforçavam o vínculo da decoração com atividade caseira, doméstica, não profissional e não artística. Alguns desses trabalhos manuais, situados em singelas composições espaciais, serviam como uma dica para a decoração da casa da leitora.

Tratando especificamente de decoração de interiores, em abril de 1917, a *Revista da Semana* apresentou, na seção *Jornal das Famílias*, sugestões sobre um quarto de dormir, empregando perspectiva de canto do quarto e três desenhos de arabescos para que a leitora pudesse reproduzi-los na decoração de seu quarto [**Figura 6**]. O texto focalizava o acabamento dos móveis (a execução ficaria a cargo de um marceneiro), laqueados de branco marfim com arabescos em tinta a óleo em diversos tons de vermelho (ou verde ou marrom), informando o que a imagem em preto e branco não conseguia esclarecer. A ilustração do quarto, de desenho simplificado, mostrava bem mais do

que o texto mencionava (tipologia de móveis, disposições, composições, etc.) e, mesmo sem possuir desenho complexo e atrativo, sobrepujava o discurso das palavras, apresentando mudança de tendência, já que a imagem predominava sobre o texto. O desenho indicava um ambiente bastante arrojado para o público consumidor do Rio de Janeiro, seja ele pertencente a camadas superiores ou medianas da sociedade, ainda atrelados à estética da diversidade e do acúmulo na decoração.

O traço ingênuo dos desenhos para a decoração nas revistas cariocas demarcava que havia outros atores preocupados com o embelezamento da casa, além de artistas com seus olhares especializados. Esse tipo de desenho apontava para a experiência de outra compreensão visual do mundo doméstico, que simplificava sua complexidade, elegia os traços mais importantes para apreensão dos objetos e do espaço e aproximava aquele universo sintetizado às pessoas que não possuíam a familiaridade com o olhar educado pela arte. A leitora, que possivelmente possuía habilidade semelhante para o desenho, identificava-se com a imagem, favorecendo uma leitura de que aquilo estava ao seu alcance e que a decoração de sua casa não era algo tão difícil e complicado de se conseguir, como rezavam as tantas regras dos manuais.

Esses desenhos sugeriam basear-se no lado sensível, intuitivo, das suas leitoras e portanto relacionados ao campo do emocional, distanciando-se de um controle artístico desejável. Em capas da *Revista da Semana* imagens femininas representavam alegorias de compaixão, pensamento, instâncias subjetivas romantizadas e relacionadas ao sentimental.

Se formos considerar o lema positivista completo, ‘o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim’, podemos alargar a compreensão dos motivos pelos quais davam ao lar tanta importância, visto ser ele o representante geográfico da família e do amor incondicional, relacionado às mães. Como diria Virginia Treves: “É dentro d’ella que se vive e ama, que se espera e trabalha; é dentro d’ella que se agrupam os nossos affectos mais santos, as nossas mais queridas recordações”. A decoração era como uma meiguice aos olhos, meiguice vista como uma alegoria feminina, distante da masculinidade estética da arte, fazendo-nos compreender melhor a assertiva “Quanto maior for o encanto de um interior mais querido ele será”. As imagens da decoração tocavam o coração, tornavam-se do coração, de coração e faziam valer a sentença: o que os olhos vêem o coração sente.

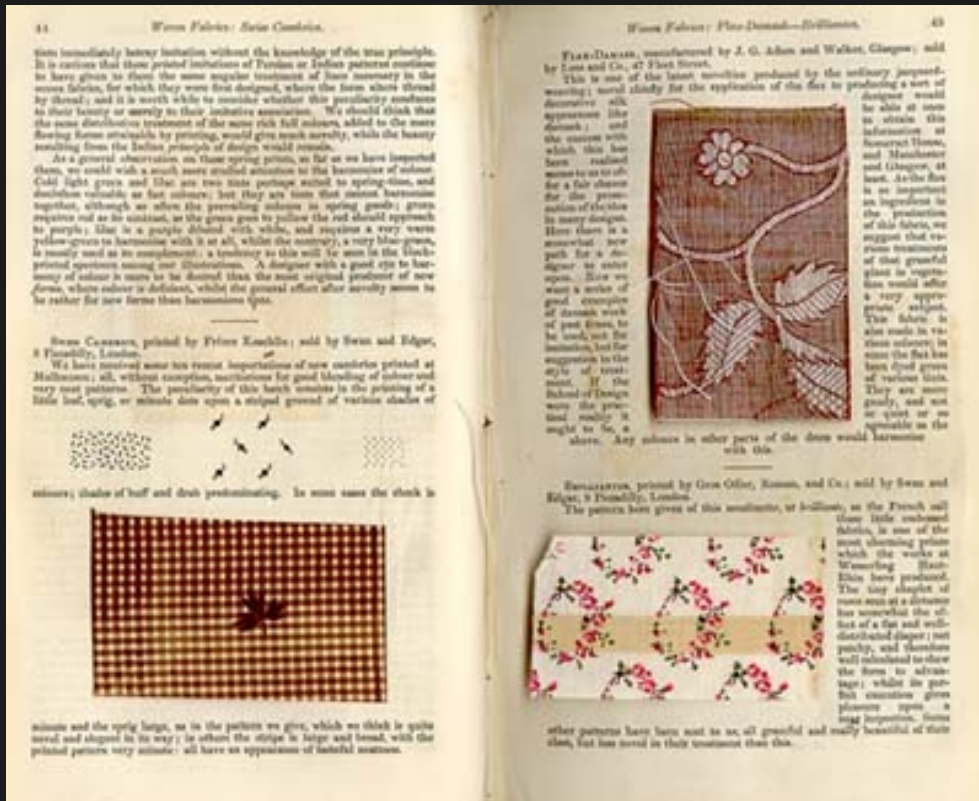


Figura 1 – Páginas 44 e 45 do periódico *The Journal of Design and Manufactures*, vol. 1, 1849. Euing Collection, Glasgow University Library.
 Fonte: <http://www.lib.gla.ac.uk>. Acessado em dez. 2009.



Figura 2 – Modelo para méridienne, espécie de chaise-longue, em estilo rococó, conforme apresentado no periódico *Le Garde Meuble, ancien et moderne*.
 In: *Le garde Meuble*. Washington, DC, Smithsonian Institution Libraries, [s.d.].
 Fonte: <http://www.sil.si.edu/digitalcollections/art-design/garde-meuble>. Acessado em: dez. 2009.



Figura 3 - Ilustração em página inteira do artigo A moda (A mobília da casa) em *O Brazil Elegante*, jan.-fev. 1898. Arquivo da Fundação casa de Rui Barbosa.



Figura 4 – Capa da revista *A Estação* de 15 de dezembro de 1885. Fonte: *A Estação*, Rio de Janeiro, XIV ano, n. 23, 15 dez. 1885. Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

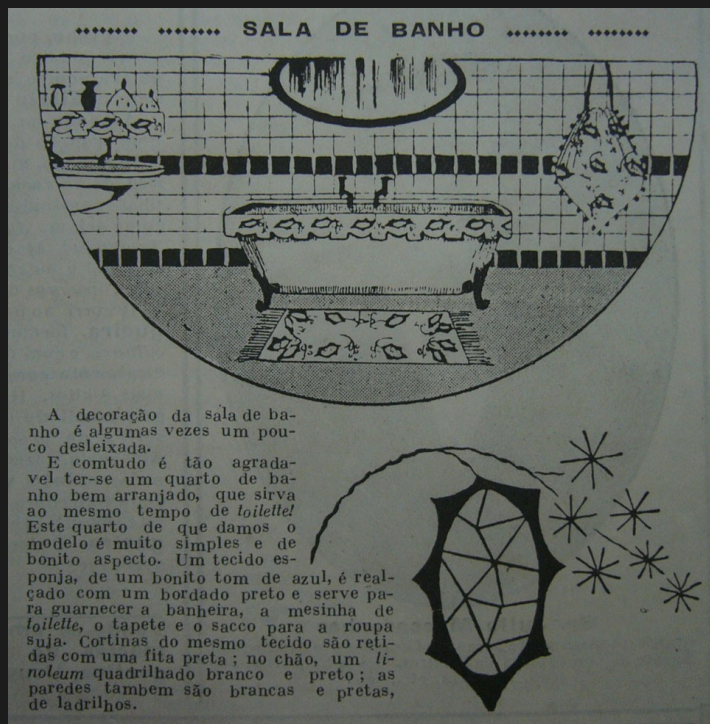


Figura 5 – Sugestão para decoração de uma sala de banho.

Fonte: Seção Jornal das Famílias. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 3 jul. 1920.

Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.



Figura 6 - Ilustração do artigo Quarto de dormir da *Revista da Semana*, abr. 1917.

Fonte: Seção Jornal das Famílias. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n.15, 21 abr. 1917.

Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.